

Avaliação do conhecimento dos moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro em relação à esporotricose

Evaluation of the knowledge of residents of the northern zone of Rio de Janeiro regarding Sporotrichosis

Monique Grazielle Oliveira Papa

Universidade Castelo Branco, moni.grazy@gmail.com

Meylin Habib de Oliveira

Universidade Castelo Branco, meylinhabib@gmail.com

Leonardo Lima de Moraes dos Reis

Universidade Castelo Branco, leonardolima230891@gmail.com

Patricia de Oliveira Camera

Universidade Castelo Branco, camerapat@gmail.com

Ana Cristina Rivas da Silva

Universidade Castelo Branco, cris.profucb@gmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo foi obter informações sobre a percepção dos moradores em relação à esporotricose e sua disseminação em pessoas ou animais, na Zona Norte do Rio de Janeiro. A esporotricose é uma infecção subaguda ou crônica que tem como agente etiológico o complexo fungo *Sporotrichix schenkii*. A maioria dos moradores respondeu conhecer esporotricose e saber que é causada por agente fúngico, uma pequena percentual desenvolveu a doença, porém todos os moradores desconheciam o telefone 1746 e não sabiam evitar a sua transmissão, não sabiam que era transmissível. Conclui-se que falta de informação e as condições ambientais e comportamentais dos moradores da comunidade, contribuem com a epidemiologia da esporotricose.

Palavras Chave: Esporotricose; Conhecimento; Gatos e Infecção.

Abstract: The aim of this study was to obtain information on the perceptions of residents in relation to your spread in people and Sporotrichosis or animals, in the northern zone of Rio de Janeiro. The Sporotrichosis subacute or chronic infection whose Etiologic Agent complex fungi schenkii Sporotrichix. Most residents reported meet Sporotrichosis, know that it is caused by fungal agent, report not having developed Sporotrichosis, but all residents were the telefone 1746 and didn't know to avoid your transmission, didn't know it was transferable. It is concluded that lack of information and environmental conditions and behavioral of residents of the community, contribute to the epidemiology of Sporotrichosis.

Key Words : Sporotrichosis; Knowledge; Cats and Infection.

Recebido em 08/11/2018

Aprovado em: 18/12/2018



INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma infecção fungica subcutânea aguda ou crônica causada por espécies do complexo *Sporothrix schenckii*, composto por *Sporothrix brasiliensis*, *Sporothrix mexicana*, *Sporothrix globosa*, *S. schenckii* stricto sensu, *Sporothrix Lurie*, e *Sporothrix pallida*. No entanto, no Brasil somente *S. brasiliensis*, *S. globosa*, *S. mexicana*, e *S. Schenckii* foram isolados de esporotricose humana (CHAKRABARTI et al., 2015).

Segundo Barros et al. (2010), a infecção ocorre partir da implantação dos fungos, de forma traumática, nos tecidos subcutâneos. Comumente as lesões ficam restritas ao tecido subcutâneo, onde o fungo foi implantado, podendo em determinadas situações afetar os vasos linfáticos adjacentes. A disseminação para outros tecidos geralmente ocorre em imunocomprometidos, com disseminação secundária em ossos, articulações e músculos.

Associa-se, principalmente, a fatores ocupacionais, em indivíduos que manuseiam solos ou materiais vegetais, como jardineiros, floristas, horticultores e agricultores, sendo assim, considerada uma doença ocupacional rural (LARSSON, 2015; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Atualmente a doença representa um problema de saúde pública em regiões metropolitanas por diversos países, em razão do aumento significativo de casos em humanos infectados por arranhadura ou mordedura de animais domésticos. Tendo gato como o animal mais frequentemente envolvido, sendo considerada uma zoonose. Por esse motivo deve se destacar o papel epidemiológico dos felinos domésticos na epidemia, devido ao hábito de cavar buracos, para cobrirem seus dejetos com terra (ANTUNES et al., 2009; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Segundo Carvalho (2016), a maior epidemia de esporotricose zoonótica ocorrida foi descrita na cidade do Rio de Janeiro. Entre 1998 e 2004, apenas no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 1503 gatos, 64 cães e 759 seres humanos foram diagnosticados após isolamento e identificação do fungo.

No caso dos gatos com lesões extensas ou sem possibilidade de tratamento, a eutanásia deve ser considerada como procedimento padrão por veterinários e serviços de saúde, a cremação dos animais mortos com esporotricose deve ser realizada para evitar que esta cepa mais virulenta se mantenha na natureza, além disso, deve ser feita a desinfecção das instalações onde os animais permaneceram com solução de hipoclorito de sódio. Em humanos, a manifestação da doença começa com um pequeno nódulo avermelhado, que pode romper e se tornar uma ferida, cutânea localizada. Geralmente, aparecem nas mãos, nos braços, nas pernas ou no rosto, às vezes podem formar uma fileira de pequenos nódulos ou feridas, cutânea linfática. Também podem aparecer dores nas articulações e febre (BARROS et al., 2010; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

A esporotricose está lista de doenças de notificação compulsória estadual incluída como epizootia na lista de doenças de notificação nacional, Portaria GM/MS nº 1.271 de 2014. Somente nos anos de 2013 e 2014 foram notificados 587 e 474 casos, respectivamente, com um total de 830 casos confirmados. No estado do Rio de Janeiro é possível entrar em contato com a prefeitura para que o animal doente seja encaminhado a uma clínica veterinária da prefeitura através do telefone 1746 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi obter informações sobre a percepção dos moradores em relação à esporotricose e sua disseminação em pessoas ou animais contaminados com o fungo, relatando assim casos detectados na comunidade da Vila Joaniza, Ilha do Governador, Rio de Janeiro. E posteriormente descrever casos existentes na área estudada e avaliar o nível de conhecimento dos moradores da área estudada sobre a esporotricose.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na comunidade Vila Joaniza, no bairro do Galeão localizada no município do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Foi realizada uma pesquisa de campo junto à comunidade através de questionários com 100 moradores maiores de 18 anos e de ambos os sexos com visitação as residências. Foram realizados registros fotográficos dos animais e indivíduos que apresentavam lesões características. Os registros serviram para a verificação de condições socioeconômicas e socioambientais no período entre os meses de setembro a dezembro de 2015.

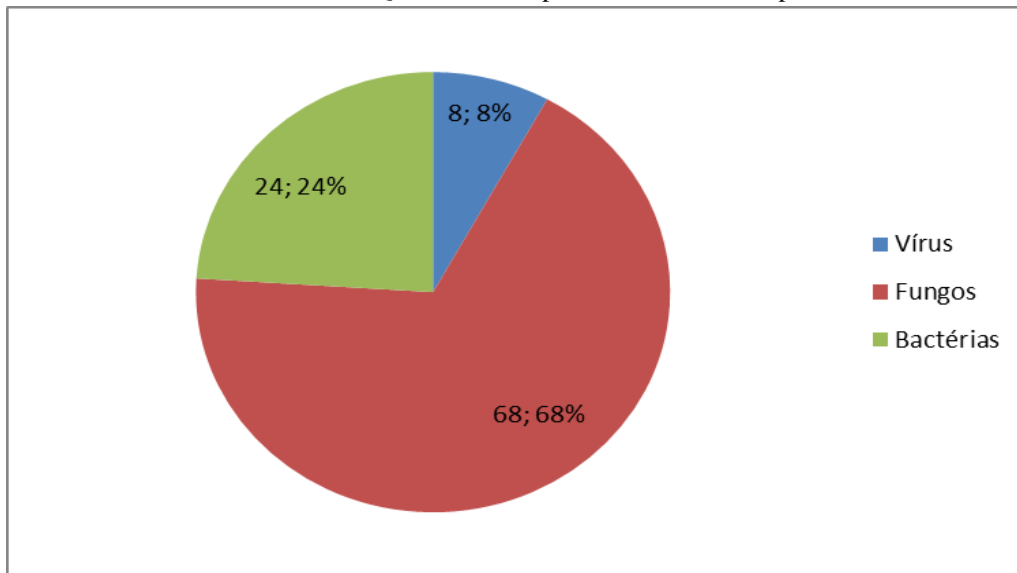
Foi aplicado um questionário adaptado, contendo perguntas abertas e fechadas envolvendo os conhecimentos da população referentes à epidemiologia. Juntamente ao questionário, foram mostradas imagens de animais e pessoas com esporotricose para a facilitação do reconhecimento. Para a realização das fotos e preenchimento do questionário, os moradores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que informavam estar ciente que os dados e as fotos obtidas seriam utilizados para a realização deste estudo.

A pesquisa foi avaliada e permitida pelo Comitê de Ética da Universidade Veiga de Almeida (UVA), sob o registro de número “CAAE: 70090917.3.0000.5291”, por intermédio da Plataforma Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando foi perguntado aos moradores se conheciam a esporotricose a maioria (73,73%) relatou conhecer. O mesmo pode ser observado na pergunta 2 onde a maioria (68%) respondeu conhecer a causa da esporotricose como um agente fúngico. Entretanto, entorno de 33% demonstraram não conhecer o fungo como agente etiológico da doença (gráfico 1).

Gráfico 1 – Questão 2: A esporotricose é causada por?



Quando perguntado se sabiam como a esporotricose é transmitida, a maioria dos entrevistados (72%) respondeu não saber. Os resultados mostram que a maioria dos moradores (49%), possui 2 animais, 22% dos entrevistados responderam que possuem de 3 ou mais animais de estimação sendo eles cães e gatos, 20% deles alegaram não ter animais e 9% possui somente 1. Este resultado se torna preocupante, visto que 80% possuem animais domésticos, sendo eles cães e gatos.

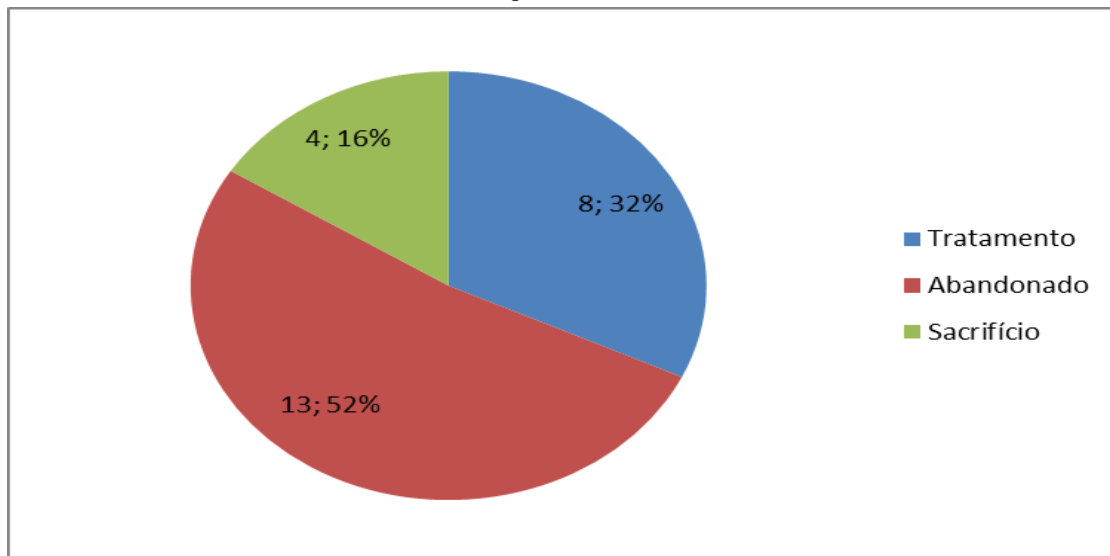
Quando abordados se conheciam alguém ou algum animal que tenha sido infectado, a maioria (70%) dos entrevistados afirmaram que não conhecer e 30%

responderam sim. Dos 30% dos moradores que haviam respondido conhecer alguém ou algum animal que havia se contaminado.

Ao perguntar “Quem havia se contaminado”, 17% responderam que conhecem pessoas que se contaminaram e 83% relataram que já havia visto gatos, ressaltamos que não houve respostas relacionadas a cães.

Em relação aos animais doentes, 52% disseram que são abandonados, 32% dos entrevistados responderam que houve tratamento destes felinos e somente 16% comentaram sobre a eutanásia (gráfico 2).

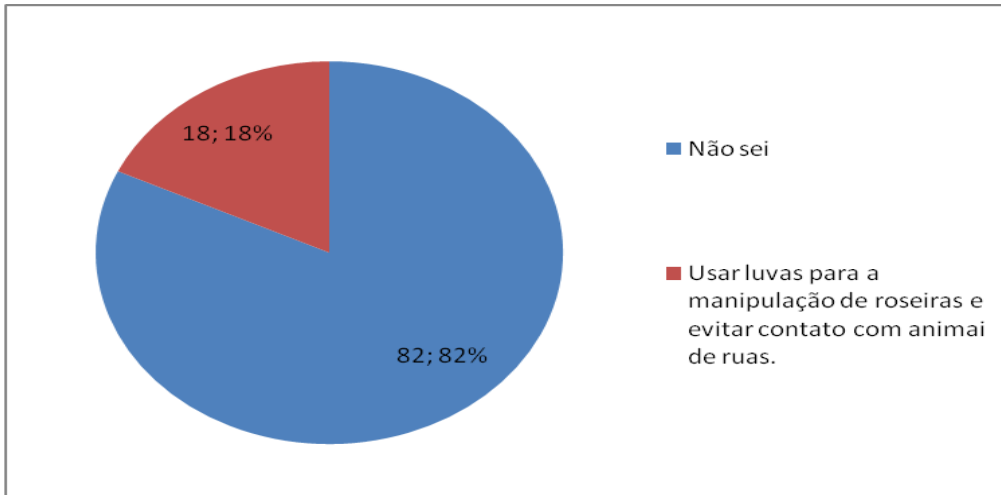
Gráfico 2 – Questão 9: O que foi feito com o animal contaminado?



Ao perguntar aos pesquisados se eles conheciam o telefone 1746 da prefeitura do Rio de Janeiro, a resposta negativa foi unânime. A maioria dos moradores (85%), respondeu não saber da existência do Hospital veterinário Jorge Vatsman, que trata de animais com esporotricose e fornece o medicamento sem cobrar nenhuma taxa.

Sobre cuidados para a prevenção mais de 80% não souberam responder, e poucos responderam uso de luvas de borracha para manipular vegetais e animais, e evitar contato direto com animais de rua (gráfico 3).

Gráfico 3 – Questão 12: Quais os cuidados necessários para que não ocorra contaminação?



Todos os animais e indivíduos que apresentaram lesões características de esporotricose foram fotografados e registrados, entre os meses de setembro a dezembro de 2015.

Figura 1: Felino (macho), não castrado com lesão ulcerativa na pata direita. Não estava em tratamento e continuava a andar pelas ruas, apesar de ter dono.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2: Felino (fêmea), castrada com nódulos no focinho. Apresentado inchaço e com dificuldade respiratória. Utilização do medicamento Itraconazol de 100mg durante 6 meses, após isso, não apresentou melhoras significativa e a dona optou por eutanásia.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3: lesão ocasionada pelo seu felino (macho), com esporotricose e durante o seu manuseio para o tratamento do mesmo foi arranhada, transmitindo o fungo a sua dona. A imagem mostra a dona do felino após o tratamento (FIOCRUZ), apresentando somente cicatriz.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4: Felino (macho), não castrado e aparentemente vadio com nódulos na região nasal e aparentemente de rua.



Fonte: Acervo pessoal.

A esporotricose não está associada ao grau de escolaridade e a renda, entretanto alguns autores demonstram que há relação com setores populares e carentes da cidade com determinada condição ambiental, solo exposto e presença de animais. A Percepção Ambiental vem sendo objeto de estudo em parques e áreas de lazer que, em paralelo com a educação ambiental visa despertar nas pessoas o sentimento de valorização e preservação (BARROS et al., 2010; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Neste trabalho, realizado em uma comunidade carente da região Metropolitana I, que inclui o município do Rio de Janeiro, foi possível observar a existência da

doença como fator comum aos moradores. Entretanto, pesquisadores trabalharam com epidemiologia a partir de pacientes com esporotricose na FIOCRUZ e conseguiram demonstrar endemia na região Metropolitana I, principalmente em áreas com maior densidade demográfica, menor condição socioeconômica, de infraestrutura e habitação, assim como questões de urbanização, como pavimentação incompleta e muitas áreas livres (SILVA et al., 2012).

Para a percepção de risco de transmissão da esporotricose, entrevistaram 20 pacientes com esporotricose atendidos no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/FIOCRUZ) e observaram que a minoria (30%) conhecia a doença e que

destes a maioria demonstrou um entendimento deficiente. Tais achados corroboram com os resultados obtidos em outra pesquisa, em que foi possível demonstrar que a maioria dos entrevistados conhecia a esporotricose, entretanto poucos sabiam que o fungo era o agente etiológico (MARTINS, 2014).

A esporotricose é considerada uma zoonose, associada principalmente a felinos. No Brasil a ocorrência desta doença, adquirida pelo contato com gatos, aumenta anualmente. A relação de casos caninos frente a felinos, em São Paulo assim como no Rio de Janeiro, é de 1:25 casos. No Rio de Janeiro dados publicados mostram a incidência, no período de 1998 a 2004, em 2.326 indivíduos acometidos sendo 759 humanos, 64 caninos e 1.503 felinos (LARSSON, 2015). Os resultados obtidos neste trabalho confirmam esta prevalência, visto que 80% dos entrevistados confirmaram ter visto gatos com as lesões e nenhum canino.

A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (PMRJ) atua com o telefone 1746, onde são feitos recolhimento de animais com zoonoses, importante ameaça à saúde e ao bem estar da população. Apesar do progresso, das medidas de controle e da cobertura com serviços de saúde, essas doenças continuam registrando altas taxas de ocorrência nas zonas urbanas e rurais (PMRJ, 2018). Este fato pode estar relacionado principalmente pela falta de informação da população. Quando foi perguntado, no questionário, se os entrevistados sabiam da existência do telefone para recolhimento dos animais, 100% negaram conhecimento. Do mesmo modo, quando questionados sobre a existência do Hospital veterinário Jorge Vatsman, que atende animais gratuitamente, e quais os cuidados necessários para a não contaminação, 85% responderam desconhecer a instituição e os cuidados para evitar a transmissão.

Boa higienização do ambiente pode ajudar a reduzir a quantidade de fungos dispersos e, assim, novas contaminações. É também importante não manusear demais o animal, usar luvas e lavar bem as mãos. Em caso de morte dos animais doentes, não se deve enterrar os corpos, e sim incinerá-los, para evitar que a cepa termorresistente que está nos animais se espalhe pelo solo. Foi perceptível, no atual trabalho, o desconhecimento da população entrevistada sobre questão de eutanasiar animais mortos, pois somente 16% responderam positivamente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

CONCLUSÃO

Nos últimos anos o estado do Rio de Janeiro vem sofrendo uma epidemia zoonótica de esporotricose. Sendo os proprietários de animais domésticos e jardineiros, os mais vulneráveis a infecção pelo *Sporothrix schenckii*.

A falta de informações sobre a esporotricose e as condições precárias sociais, ambientais e comportamentais dos moradores de uma área endêmica da Zona Norte 11 do Rio de Janeiro, contribuem com a epidemiologia da esporotricose. Um dos fatores agravante é a existência de aterros abertos, onde vivem vários animais (infectado/doente), os animais quando morrem não são cremados e sim despejados nos lixões ou

enterrados, agravando a situação, pois o agente etiológico *Sporothrix schenckii*, vai permanecer no solo.

Assim, acredita-se que novos estudos devam ser desenvolvidos a fim de auxiliarem na melhora das condições ambientais e na conscientização da população de áreas endêmicas visando à disseminação da esporotricose.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, T. D. A. et al. A. Esporotricose cutânea experimental: Avaliação in vivo do itraconazol e terbinafina. **Rev. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 42, n. 6, p. 706-710, 2009.

CARVALHO, B. W. **Avaliação da resposta terapêutica ao iodeto de sódio em cápsulas na esporotricose felina**. 2016. 77f. Dissertação (Mestrado em Ciências), Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro FIOCRIZ, 2016.

CHAKRABARTI, A. et al. Global epidemiology of sporotrichosis. **Medical Mycology**, v. 53, n. 1, p. 3-14, 2015.

BARROS, M. B. D. L. et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Rev. Panamericana de Salud Pública**, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

MARTINS, A. C. C. Percepção do risco de zoonoses em pacientes atendidos no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Rio de Janeiro, Brasil. **Oficina do CES**, v. 412, p. 1-39, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014**. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html>. Acesso em 12 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis **Manual de Vigilância, Prevenção e Controle de Zoonoses: Normas Técnicas e Operacionais**. Brasília: MS, 2016.

SILVA, M. B. T. D. et al. Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 10, p. 1867-1880, 2012.